



Sala dos Professores

[Início](#) [Vídeos](#) [Playlists](#) [Canais](#) [Discussão](#) [Sobre](#) [Q](#)

SALA DOS PROFESSORES AMOR PEDAGÓGICO

» por Júlio Furtado*

Existe um vínculo único que se forma entre professor e aluno, especialmente nos primeiros anos de ensino. O professor tem de ter a sensibilidade e a maturidade de “administrar” a relação com todos os tipos de aluno, a fim de proporcionar o avanço no aprendizado.

**ACEITAR,
ACREDITAR E
TORCER, TRÊS
VERBOS A
SERVIÇO DA
TRADUÇÃO
DO AMOR E
DA TAREFA
DOCENTE.**

A palavra aceitar vem do latim *acceptare* e significa receber o que lhe é dado, conformar-se com, receber com agrado, admitir, aprovar. Ao afirmar que aceitamos alguém ou alguma situação, precisamos ter superado as barreiras que possivelmente nos impediam de aprová-la ou de recebê-la com agrado. No ato da aceitação, não cabe o contragosto (a isso denominamos suportar, tolerar). O modo de olhar o outro faz diferença no sentido de a aceitação ser plena ou

condicional. Denominamos aceitação plena aquela que não impõe restrições ao outro, não no sentido de aprovação, mas no sentido de acolhê-lo com tudo que ele traz. Para aceitar plenamente o outro, não precisamos aprovar tudo que ele é ou faz, mas percebê-lo como alguém possível, apesar do que ele é ou faz.

É importante refletir sobre o sentido de aceitar plenamente o aluno, que não significa aprovar-lhe todas as atitudes ou características, mas estabelecer limites relacionais que deixem claro o que aturamos ou não. A dificuldade está em

estabelecer essas fronteiras e, ao mesmo tempo, cuidar do vínculo afetivo que precisa ser mantido. Resgata-se aqui a necessidade do olhar reflexivo que observa e permite que surjam sentimentos, ideias e encaminhamentos. O olhar empático, que “vê com os olhos do outro” também é uma importante ferramenta na complexa tarefa de construção da aceitação plena que precisamos ter com o aluno que está diante de nós na sala de aula.

O olhar empático nos permite “visitar” o mundo do aluno sem que abandonemos o nosso mundo, sob pena de perdermos nosso referencial intencional didático. A empatia é a habilidade de enxergar o mundo sob a perspectiva do outro, sem perder os referenciais da própria realidade. É a habilidade de enxergar o mundo o mais próximo possível da forma como os outros o enxergam. Quanto mais acrescentamos novos significados ao nosso modo de ver o mundo, mais “inclusiva” se torna a nossa percepção e mais empáticos nos tornamos. O ato de aprender depende diretamente desse movimento de “inclusão perceptiva” e o papel do professor é facilitar esse processo.

A palavra amor traz em si diversos significados. Afeição, compaixão, misericórdia, atração, paixão, querer bem e desejo são os de uso mais frequente. O ato de amar, de forma genérica, está ligado à formação de um vínculo emocional com alguém, ou com algum objeto que seja capaz de receber o comportamento amoroso e promover, de alguma maneira, a motivação e a manutenção dele.

Podemos identificar e conceituar o amor pelo outro que nasce e cresce a partir da aceitação plena, que por sua vez é facilitada pelo olhar reflexivo. É esse o amor que sentimos (ou não) por nossos alunos. Um amor que podemos denominar amor de consideração ou amor pedagógico, composto, basicamente, por três atitudes: aceitar o outro, acreditar em seu potencial e torcer pelo seu sucesso. Quando desenvolvemos essas três atitudes, aprendemos a amar aquele em quem precisamos promover condições para que aprenda. Aceitar, acreditar e torcer, três verbos a serviço da tradução do amor e da tarefa docente. É essa interseção que faz da atividade docente uma atividade que só pode ser verdadeiramente realizada com o envolvimento da dimensão pessoal do professor. Aceitar, acreditar e torcer são o combustível essencial ao processo de facilitação da aprendizagem, que é potencializado a partir do aumento de nossa capacidade de olhar afetivo.

Operacionalmente falando, exercitar a habilidade de ver a situação através dos olhos do aluno ajuda a minimizar e até a neutralizar sentimentos de rejeição que estejam presentes na relação. O olhar empático mantém nossos referenciais de valores, que são apenas suspensos temporariamente. É como se visitássemos o outro para descobrir como sente e como interpreta o mundo e retornássemos para nosso mundo para refletir a respeito do que descobrimos. Essa atitude é facilitadora do surgimento do amor pedagógico.

POR DENTRO

LIMITES RELACIONAIS

Só podemos limitar algo que conhecemos. Ninguém determina o começo ou o fim de algo que não conhece. Logo, temos que nos conhecer para sabermos nossos limites. Os limites relacionais começam dentro de nós. Quem não é capaz de dizer não a si mesmo, nunca será apto a dizer não aos outros. O autoconhecimento é fundamental para que estabeleçamos limites relacionais.

POR DENTRO



Reprodução: Internet

SENTIMENTOS DE REJEIÇÃO

De acordo com a teoria de aceitação-rejeição interpessoal de Ronald Rohner, podemos considerar a percepção de aceitação/rejeição como um continuum em que podem ser identificadas várias formas de aceitação e rejeição: carinho, hostilidade/agressão, indiferença/negligência, rejeição indiferenciada. O sentimento de rejeição pode gerar hostilidade, caracterizada por raiva, ressentimento ou inimizade, sendo a agressão considerada como o comportamento resultante da hostilidade.

*Iúlio Furtado, mestre em Educação pela UFPA. Pós-graduado em Orientação Educacional. Doutor em Ciências da Educação e Diplomado em Psicopedagogia pela Universidade de Havana, Cuba. Graduado em Pedagogia. Escritor. Palestrante.